

## Alucinógeno combate o alcoolismo

Primeiro estudo a investigar a ação do composto psilocibina comparado ao placebo mostrou uma eficácia de 83% na redução do consumo excessivo de bebidas entre os que usaram a substância

Dois doses de psilocibina, um composto encontrado em cogumelos psicodélicos, reduz o consumo excessivo de álcool em 83% entre bebedores pesados quando combinados com psicoterapia, mostra um novo estudo publicado na revista *Jama Psychiatry*. Liderada por cientistas da Universidade de Nova York (NYU), a pesquisa envolveu 93 homens e mulheres com dependência de álcool. Eles foram aleatoriamente designados para receber a substância ativa ou um placebo anti-histamínico.



**Nossas descobertas sugerem fortemente que a terapia com psilocibina é um meio promissor de tratar o transtorno do uso de álcool, uma doença complexa que provou ser notoriamente difícil de gerenciar"**

**Michael Bogenschutz,**  
autor e psiquiatra sênior do estudo

Dentro de um período de oito meses desde o início do tratamento, aqueles que receberam psilocibina reduziram o consumo pesado em 83% em relação à fase anterior ao estudo. Enquanto isso, os que tomaram anti-histamínico tiveram uma diminuição no hábito de 51%. Entre as outras descobertas importantes, o estudo mostrou que oito meses após a primeira dose, quase metade (48%) dos participantes do composto psicodélico pararam de beber completamente, em comparação com 24% do grupo placebo. "Nossas descobertas sugerem fortemente que a terapia com psilocibina é um meio promissor de tratar o transtorno do uso de álcool, uma doença complexa

que provou ser notoriamente difícil de gerenciar", diz o autor e psiquiatra sênior do estudo, Michael Bogenschutz, do Centro Langone para Medicina Psicológica da NYU.

De acordo com os autores, pesquisas anteriores já haviam identificado o tratamento com psilocibina como um meio eficaz de aliviar a ansiedade e a depressão em pessoas com as formas mais graves de câncer. Além disso, estudos prévios de Bogenschutz sugeriram que a substância poderia servir como uma terapia potencial para o transtorno do uso de álcool e outros vícios.

### Método

O novo estudo é o primeiro controlado por placebo a explorar a psilocibina como tratamento para o consumo excessivo de álcool, de acordo com os autores. Para a investigação, a equipe recrutou homens e mulheres que foram diagnosticados com dependência de álcool com base em definições padrão e consumiram em média sete unidades de bebida por ocasião. Quarenta e oito pacientes receberam pelo menos uma dose e até três doses de psilocibina, e, para 45 participantes, foi administrado o anti-histamínico.

Todos participaram de até 12 sessões de psicoterapia. Essas

Shanron/Divulgação



Cogumelos da espécie *Psilocybe pelliculosa* usados na pesquisa: após oito meses, 48% dos dependentes pararam de beber

ocorreram antes e depois dos tratamentos com a substância psicodélica. Então, os participantes tiveram de relatar a porcentagem de dias de consumo excessivo de álcool durante as semanas cinco a 36 do estudo. Eles também forneceram amostras de cabelo e unhas para confirmar que não haviam bebido.

Os voluntários, incluindo os do grupo placebo, passaram, ainda, por uma terceira sessão de psilocibina para garantir que aqueles que anteriormente

tomaram o anti-histamínico tivessem a chance de serem tratados com a droga psicodélica. "À medida que a pesquisa sobre o tratamento psicodélico cresce, encontramos mais aplicações possíveis para condições de saúde mental", relata Bogenschutz. "Além do transtorno por uso de álcool, essa abordagem pode ser útil no tratamento de outros vícios, como tabagismo e abuso de cocaína e opióides".

Bogenschutz diz que a equipe de pesquisa planeja realizar um

estudo multicêntrico maior. Ele adverte que mais trabalhos precisam ser feitos para documentar os efeitos da psilocibina e esclarecer a dosagem apropriada, antes que a droga esteja pronta para uso clínico generalizado. O cientista observa que os pesquisadores já iniciaram esses testes.

A psilocibina é um composto natural derivado de fungos com qualidades que alteram a mente semelhantes ao que fazem, o LSD e a mescalina. A maioria dos participantes do estudo afirmou ter

experimentado alterações profundas na percepção, emoções e senso de si mesmo, muitas vezes incluindo sensações que são consideradas de grande significado pessoal e espiritual por eles.

Como a droga aumenta a pressão arterial e a frequência cardíaca e pode causar efeitos psicológicos incapacitantes e às vezes graves, os pesquisadores alertam que ela só deve ser usada em ambientes cuidadosamente controlados e em conjunto com avaliação e preparação psicológica.

## "Vício" em notícias pode adoecer

Pessoas com um desejo obsessivo de verificar constantemente as notícias são mais propensas a sofrer de estresse, ansiedade e problemas de saúde física, segundo um novo estudo publicado na revista *Health Communication*. Nos últimos dois anos, o mundo passou por uma série de eventos globais preocupantes, desde a pandemia de covid até a invasão da Ucrânia pela Rússia, protestos em grande escala, tiroteios em massa e incêndios

florestais devastadores.

Para muitos, ler reportagens sobre esses assuntos pode fazê-las se sentir temporariamente impotentes e angustiadas. Para outros, porém, estar exposto a um ciclo de notícias de 24 horas pode ter sérios impactos no bem-estar mental e físico, disseram os autores. "Testemunhar esses eventos se desenrolando nas notícias pode trazer um estado constante de alerta máximo em algumas pessoas, fazendo o mundo parecer

um lugar escuro e perigoso", diz Bryan McLaughlin, professor associado de publicidade da Faculdade de Mídia e Comunicação da Texas Tech University.

"Para esses indivíduos, um ciclo vicioso pode se desenvolver no qual, em vez de se desligar, eles se tornam ainda mais atraídos, obcecados pelas notícias e verificando atualizações o tempo todo para aliviar seu sofrimento emocional. Mas isso não ajuda, e quanto mais eles

checam as notícias, mais elas começam a interferir em outros aspectos de suas vidas."

Para estudar o fenômeno, conhecido coloquialmente como vício em notícias, McLaughlin e a equipe analisaram dados de uma pesquisa online com 1,1 mil adultos norte-americanos. As pessoas foram questionadas sobre até que ponto concordavam com afirmações como "Fico tão absorto nas notícias que esqueço o mundo ao meu redor", "minha

mente está frequentemente ocupada com pensamentos sobre as notícias", "eu acho é difícil parar de ler ou ver o noticiário" e "muitas vezes não presto atenção na escola ou no trabalho porque estou lendo ou vendo o noticiário".

Os entrevistados também foram questionados sobre a frequência com que experimentavam sentimentos de estresse e ansiedade, bem como doenças físicas, como fadiga, dor física, falta de concentração e problemas gastrointestinais. Os resultados revelaram que 73,6% daqueles reconhecidos como tendo níveis graves

de consumo problemático de notícias relataram sofrer de "bastante mal-estar mental", enquanto sintomas frequentes foram relatados apenas por 8% dos demais participantes.

Além disso, 61% das pessoas que consomem em excesso as notícias relataram sentir "bastante mal-estar físico" em comparação com apenas 6,1% para todos os outros participantes do estudo. "Embora queiramos que as pessoas permaneçam engajadas nas notícias, é importante que elas tenham um relacionamento mais saudável com as notícias", diz McLaughlin.

### ANTROPOLOGIA

## Bipedalismo ancestral

O bipedismo é considerado, literalmente, um passo decisivo na evolução humana. No entanto, não há consenso sobre quando isso ocorreu, devido à falta de fósseis que possam ser datados. Agora, uma equipe de pesquisa da França e do Chade examinou três ossos de membros do representante humano mais antigo atualmente identificado, o *Sahelanthropus tchadensis*, também conhecido como homem de Toumai. Publicado na revista *Nature*, o estudo reforça a ideia de que essa habilidade foi adquirida muito cedo em nossa história, numa época ainda associada à capacidade de se locomover de galho em galho.

Com 7 milhões de anos, o *Sahelanthropus tchadensis* é considerado a espécie representativa mais antiga da humanidade. A sua descrição remonta a

2001, quando a Missão Paleontológica Franco-Chadiana (MPFT) descobriu os restos de vários indivíduos em Toros-Menalla no deserto de Djurab (Chade), incluindo um crânio muito bem preservado. Esse crânio, e em especial a orientação e a posição anterior do forame occipital onde se insere a coluna vertebral, indicam um modo de locomoção bipodal, sugerindo que ele era capaz de andar sobre duas pernas.

Além do crânio, apelidado de Toumai, e fragmentos de mandíbulas e dentes já publicados, a localidade de Toros-Menalla 266 rendeu duas ulnas (osso do antebraço) e um fêmur (osso da coxa). Essas peças também foram atribuídas ao *Sahelanthropus* porque nenhum outro grande primata foi encontrado no local; no entanto, é impossível saber se pertencem ao mesmo

indivíduo que o crânio.

O fêmur e as ulnas foram submetidos a uma bateria de medidas e análises, tanto de sua morfologia externa, quanto das estruturas internas, usando imagens de microtomografia: medidas biométricas, morfometria geométrica, indicadores biomecânicos etc. Esses dados foram comparados com os de uma amostra relativamente grande de macacos existentes e de fósseis: chimpanzés, gorilas, orangotangos, macacos do Mioceno e integrantes do grupo humano (Orrorin, Ardipithecus, Australopithecus, Homo antigo, Homo sapiens).

### Escaladas

A estrutura do fêmur indica que o *Sahelanthropus* era

Guy Franck / PALEVOPRIM / CNRS - Universidade de Poitiers/Divulgação



Pesquisadores da Universidade de Poitiers analisam os ossos do homem de Toumai: 7 milhões de anos

geralmente bípede no chão, mas provavelmente também se locomovia nas árvores. De acordo com os resultados das ulnas, esse bipedalismo convivia em ambientes arbóreos com uma forma de quadrupedalismo, ou seja, a escalada arbórea possibilitada por pegadas firmes, claramente

diferente daquela de gorilas e chimpanzés, que se apoiam no dorso de suas falanges.

As conclusões do estudo, incluindo a identificação do bipedismo, baseiam-se na observação e comparação de mais de 20 características do fêmur e da ulna. Eles são, de longe, a

interpretação mais parcimoniosa da combinação desses traços. Todos os dados, segundo os autores, reforçam o conceito de uma locomoção bípede muito precoce na história da humanidade, ainda que nessa fase outros modos de locomoção também fossem praticados.